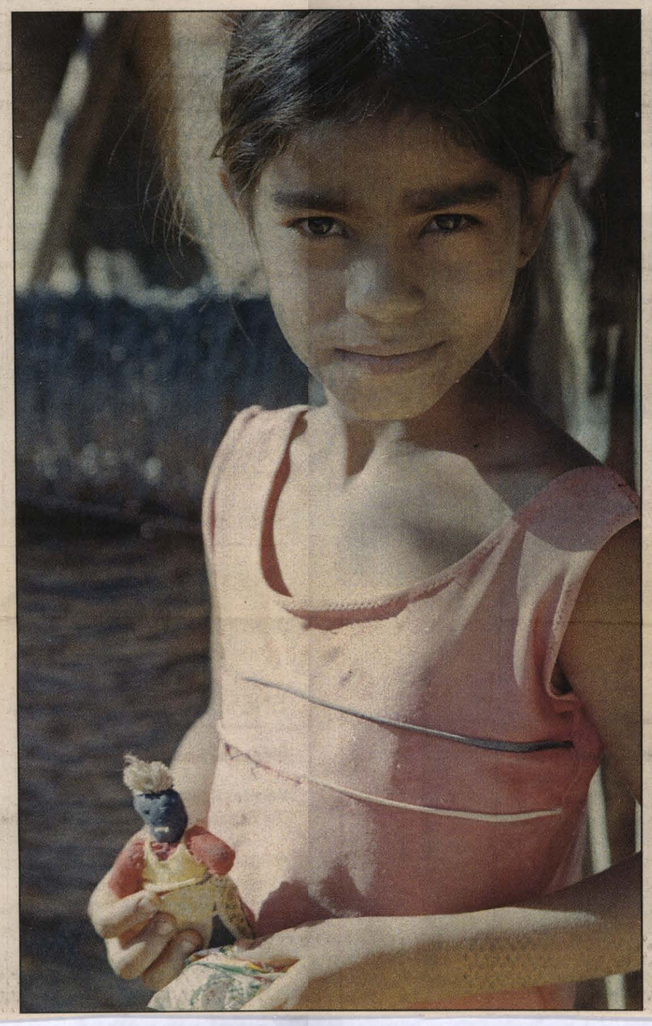
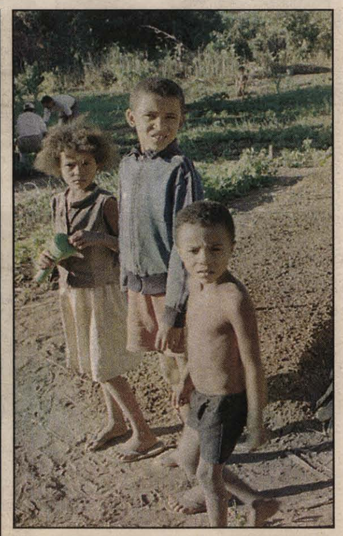
Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL Documentação
Fonte Estado de Minas
Data 29/6/96 Pg 4 e 5
Class. Xakriabá 268

Indiozinhos, um jeito diferente de brincar

Para a criançada todo dia é dia de brincadeiras. Só que cada pessoa brinca de um jeito. Tem gente que gosta de ficar desenhando e escrevendo durante horas, outras que gostam mesmo é de correr pra lá e pra cá. Outras acreditam que é bom ficar horas em frente à televisão vendo programas ou jogando videogames. Tem até criança que faz seus próprios brinquedos e gosta de ir para a roça trabalhar ao lado de seus pais. Este é o caso de algumas crianças da reserva indígena Xacriabá, que fica no Norte de Minas. Alguns indiozinhos também adoram estudar e ir à escola acaba sendo a maior distração.





Construindo seus próprios brinquedos

Os Xacriabá vivem numa região pobre, onde falta água e comida. No entanto, as crianças não perdem o gosto pela vida e improvisam da maneira que podem. Edgar Ferreira de Souza, por exemplo, tem 10 anos e sua brincadeira preferida é fazer cavalinhos de cera. Mas para conseguir seu precioso cavalinho não é fácil.

Ele tem de andar alguns quilômetros até uma grande árvore onde existe uma colméia. Lá ele consegue enganar as abelhas e retirar a cera para o seu brinquedo. Algumas vezes as abelhas agarram em seu cabelo, mas ele diz que não ferroam. "Só fazem xixi nos olhos e arde muito", conta.

Vontade de trabalhar

Todas as meninas Xacriabá tem sua boneca. Não destas que a gente compra em lojas e sim feitas por elas mesmas. Geralmente as meninas fazem suas bonecas de pano e têm muito amor por elas. Algumas aproveitam os sabugos de milho e criam bonequinhas lindas. Quase iguais ao famoso Marquês de Sabugosa, do "Sítio do Pica-Pau Amarelo", grande obra de Monteiro Lobato.

Mas o mais interessante da aldeia Xacriabá é a vontade de produzir. Todas as crianças que conversaram com a equipe do GURILÂNDIA preferiam trabalhar na horta e na roça. No lugar de brinquedos eles usam as ferramentas próprias dos lavradores e, felizes, acompanham os pais ao trabalho.

Também pudera. O clima semi-árido e a vegetação seca do sertão mudam as lavouras. A água da irrigação faz florescer o verde das plantações e o clima fica mais fresco e agradável. Além disto, as crianças sabem que estão produzindo alimentos numa região onde a fome é constante.

Prazer de estudar

Como as crianças índias sabem que é preciso saber para ter uma vida mais agradável, todas elas gostam de estudar e têm prazer em ir à escola. É o caso de Maria de Fátima Caetano de Souza, que passa o dia estudando e esperando a hora de ir para a escola. Edir Rodrigues de Souza, filho do cacique Rodrigo, também tem amor aos estudos. Como na aldeia não tem mais que a 4.ªsérie, ele passa horas estudando "para não esquecer".

Xacriabá, um povo heróico

Os Xacriabá vivem numa reserva da Funai no município de Itacambira, a 815 quilômetros de Belo Horizonte. As aldeias são distribuídas pela reserva, mas não têm características iguais. As casas são isoladas umas das outras e o nível da qualidade de vida também é diferenciado.

Suas terras são áridas e toda a produção agrícola tem de ser feita através de irrigação. Para eles isto dificulta muito a vida, pois eles são pobres e não possuem recursos para fazer a manutenção e abastecer o motor que puxa a água do rio.

Em seus domínios existem rios que secam em certos períodos do ano. As chuvas também são escassas e muitas vezes a tentativa de furar um poço é decepcionante. Algumas aldeias não tem água nem para beber e os índios são obrigados a buscá-la muito longe. A eletricidade também é coisa rara em algumas aldeias, mas o escuro não lhes mete medo.

Lenda

Alguns estudiosos contam uma história curiosa sobre os Xacriabá. Esta história não é confirmada, porque tudo que se refere à cultura Xacriabá é mantido em segredo. A razão disto é que, durante muito tempo, eles foram reprimidos pelos fazendeiros que queriam suas terras. Assim, os Xacriabá, fingindo que não eram índios, esconderam todas as formas de manifestações culturais. Até a língua Xacriabá foi esquecida.

Iaiá é uma entidade espiritual representada por uma índia que se transforma em onça para proteger a aldeia de inimigos como as doenças, a fome, a discórdia, as guerras e a morte. Ela aparece quando seu povo dança o *toré*, uma dança usada quando morre alguém na aldeia. Quando os índios deixaram de dançar o *toré*, Iaiá sumiu.

Ela foi para São Paulo e a aldeia ficou entregue ao sofrimento. Durante o tempo que Iaiá sumiu houve o êxodo e a luta contra os brancos pela posse da terra. Hoje, o *toré* é dançado por poucas pessoas da reserva e assim mesmo escondido em terreiros sagrados.

A história oficial dos Xacriabá também não é muito alegre. Há muito tempo eles ocupavam parte das terras entre os rios São Francisco e Tocantins nos estados de Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e Goiás.

Quando foram encontrados, eles viviam em paz com os brancos que se tornaram "donos" das terras. Em 1728, os Xacriabá receberam uma doação de terra entre o Vale do São Francisco e Vale do Paranaíba, no Triângulo MIneiro, onde permaneceram até meados do século XX. Os camponeses pobres que apareciam eram acolhidos por eles.

A partir de 1967 suas terras começaram a ser invadidas. Em 1979 a área Xacriabá foi demarcada. São mais de 46 mil hectares onde trabalham coletivamente. Planta-se principalmente feijão, mandioca, batata-doce, gergilim, arroz, banana, cana-de-açúcar, milho, cará, mamona, mamão, alho e cebola.